

**MODERNIDADE, EAD E O TELETRABALHO: O DILEMA BRASILEIRO DE CONCILIAR A CASA E A RUA, SOB A PERSPECTIVA DAMATTIANA**

Sandra Siqueira da SILVA<sup>1</sup>

**RESUMO:** Partindo-se da inserção dos docentes na modalidade de ensino à distância, este artigo visa compreender o teletrabalho e a EAD, inseridos no contexto de modernidade com espaços e tempos fluidos e desconexos. Será analisada a nova dinâmica dos espaços de trabalho, que contém o mundo da casa no mundo da rua e mundo da rua na casa, conforme DaMatta (1991, 1997, 2001) sobre o dilema brasileiro, e como a aglutinação destes espaços podem influenciar os indivíduos e a sociedade. Este trabalho pretende esboçar o panorama do ensino superior no Brasil pós-governos neoliberais, e discutir o contexto de surgimento da EAD no Brasil, além de leis e decretos que regulamentam essa modalidade de ensino. Assim, objetiva-se analisar o teletrabalho, seus limites e possibilidades e assim, verificar se é possível identificar dentro da referida dinâmica onde termina e onde começa o espaço do lar e o espaço do trabalho.

**PALAVRAS-CHAVE:** EAD. Trabalho. Modernidade. Tempo. Espaços.

### **Introdução**

A modernidade possibilitou novas configurações à sociedade, dentro dessas mudanças verificamos que o trabalho, o ensino, o tempo e os espaços podem ser percebidos de maneiras distintas. É a partir dessa nova concepção que discutiremos a EAD e algumas categorias pertinentes a essa modalidade de ensino.

Os motivos que nortearam a escolha por este tema residem no fato de que a EAD e o trabalho são configurações modernas do mundo do trabalho. E principalmente, pelo fato de ter exercido a função de tutora por três anos na UAB e de professora e orientadora de TCC por um ano, vivenciei diariamente os dilemas do teletrabalho: estar em casa e estar trabalhando, e estar trabalhando em casa. Assim, fica a dúvida onde termina e onde começa o espaço do lar e o espaço do trabalho?

Dessa maneira, esse estudo tem relevância, por abordar questões referentes aos limites possibilidades de uma nova alternativa para o trabalho docente. Neste sentido, a partir do interesse pelo referido tema, o problema desta pesquisa está em compreender a seguinte indagação: O teletrabalho dentro da EAD constitui-se em um dilema porque busca conciliar a casa e a rua conforme DaMatta?

---

<sup>1</sup> UNIMONTES - Universidade Estadual de Montes Claros. Centro de Educação a Distância (CEAD) - Montes Claros -MG - Brasil. 39401-089 - liiiibra@yahoo.com.br

Assim, para responder tal pergunta, constituem-se objetivos deste trabalho: conceituar o teletrabalho na EAD, dentro do contexto de modernidade, e o dilema de vivenciar espaços antagônicos como a casa e a rua em um mesmo espaço; compreender a importância da separação física e cultural dos espaços casa e rua para os brasileiros; analisar o teletrabalho na EAD, seus limites e possibilidades.

Para desenvolver este trabalho, pautaremos nossa análise na abordagem qualitativa, e como procedimentos metodológicos utilizaremos a pesquisa bibliográfica, que é compreendida segundo Gil (1999, p.65) como “[...] desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.”

O suporte teórico deste texto está centrado autores que oferecerão embasamento para o desenvolvimento da discussão referente à modernidade, à EAD e ao teletrabalho, e ao dilema de estar fisicamente no mundo da casa e ao mesmo tempo virtualmente no mundo da rua, do trabalho. Nesse sentido, para compreender tal cenário é preciso analisar a modernidade, a partir de Giddens (1991) e Bauman (1999), que influenciou diretamente a concepção de tempo e espaço. A relação entre trabalho docente, EAD e teletrabalho será analisada a partir de Mill e Fidalgo (2009), Alemão e Barroso (2011), Mill, Santiago e Viana (2008). Assim, essa fundamentação teórica faz-se necessária para compreender: as novas configurações modernas do trabalho, que é transformado em teletrabalho; dos espaços, transformados em espaços fluidos e virtuais; do tempo, modificado para uma percepção assíncrona. Analisadas, essas categorias passarão pela interpretação da perspectiva de Roberto DaMatta sobre a casa e a rua, para que possamos responder ao problema dessa pesquisa, se o teletrabalho dentro da EAD, constitui-se em um dilema porque busca conciliar a casa e a rua conforme DaMatta, com seus antagonismos, dualidades e oposições presentes em nosso país, que nos possibilitam modalidades de navegação social.

### **Modernidade, EAD e teletrabalho**

A modernidade trouxe-nos um tempo fluido, descontínuo como atesta Bauman (1999), neste tempo surgem novas configurações para a sociedade, a educação, nos espaços e para o mundo do trabalho.

Bauman (1999, p.24) pontua que “[...] sobre esse espaço planejado, territorial-urbanístico-arquitetônico, impôs-se um terceiro espaço cibernético do mundo humano com o advento da rede mundial de informática”. Percebe-se que com a modernidade que há a existência de espaços paralelos e complementares: o espaço físico e real e o espaço virtual. O

espaço físico limita e impõe barreiras e o espaço virtual elimina barreiras, aqui as pessoas, mesmo que não queiram não podem ser separadas “[...] no ciberespaço, os corpos não interessam — embora o ciberespaço interesse, de forma decisiva e inexorável, para a vida dos corpos.” (BAUMAN, 1999, p.26).

Com a modernidade, o estar lá ou o estar aqui soam como sinônimos, pois, a grande importância do mundo virtual está na constante e incessante troca de informações. Tanto moradores na Indonésia como da Finlândia tem acesso e compartilham das mesmas informações ao mesmo tempo “[...] a informação agora flui independente dos seus portadores; a mudança e a reorganização dos corpos no espaço físico é menos que nunca necessária para reordenar significados e relações.” (BAUMAN, 1999, p.25).

As transformações advindas com a modernidade são muito mais profundas do que a maioria das mudanças advindas nos períodos anteriores. Conceitualmente, “[...] modernidade refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que posteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência”. (GIDDENS, 1991, p.11). É possível contemplar as influências exercidas por este tempo em todo o mundo, seja nas relações econômicas, sociais, políticas, culturais e ambientais. Todas as esferas em todos os cantos do mundo transformaram-se com o advento da modernidade.

Silva (2011), ao contemplar o pensamento do referido autor, coloca que das várias transformações ocorridas à modernidade, a noção de tempo e espaço foram as que mais modificaram. “Antes o tempo estava conectado com o espaço, pela presença e atividades localizadas. Na modernidade o tempo e espaço separam-se, a interação pode ocorrer na ausência, e os locais podem ser fantasmagóricos”. (SILVA, 2011, p.375).

Diante de tal afirmação, eis aqui um problema para o homem moderno: a ausência de tempos e espaços fixos, e determinados. Antes, a sociedade convivia com o espaço da casa, do trabalho, do lazer, das compras muito bem delimitados, com tempos relacionados às atividades que seriam feitas exclusivamente nesses locais. Hoje, o homem moderno contempla e experimenta que esses mesmos espaços perderam a sua demarcação físico-temporal, podem estar juntos temporalmente e espacialmente. Pode-se trabalhar, desfrutar de atividades de lazer e compras no espaço do lar. Ao mesmo tempo em que se acessa a internet e as redes sociais para o lazer e entretenimento, pode-se utilizá-la para o trabalho e as demandas referentes ao mundo corporativo. Fica claro que espaços e tempos já não obedecem à mesma lógica cronológica e espacial.

A partir da leitura de Silva (2012), sob a ótica de Giddens (1991), pode-se afirmar que a modernidade conseguiu transformar as estruturas sociais que eram consolidadas, como os

modos de viver, de ser, lugares, valores, monumentos, a estética e as relações humanas. Sendo este um processo irreversível, como o carro de jagrená. Assim, diante destas considerações é pertinente afirmar que a modernidade traz em si contradições, pólos opostos que se distanciam e que se complementam. Giddens (1991), ao afirmar a vigência da modernidade, deixa claro, em sua obra, os impactos e transformações que ocorreram nas relações, estruturas e instituições de nossas sociedades. A conclusão a que se chega é a de que este novo tempo em que vivemos transformou e continua a transformar significativamente as antigas estruturas.

A modernidade é permeada de ambivalências. O dinheiro que pode trazer conforto e bem-estar, ao mesmo tempo nos aprisiona. A moda que seria um meio de distinção social acaba por padronizar as classes e os gostos, uma singularidade que uniformiza aparências, preferências e estilos. A liberdade está posta no tempo moderno, como a combinação da aproximação e da distância, marcada pelas ligações interpessoais.

Assim, a partir desta discussão, objetiva-se analisar a seguir o teletrabalho e o dilema de se conciliar a atividade laboral com os espaços da casa e da rua sob a perspectiva da modernidade e de suas ambivalências.

A EAD vem se consolidando como uma nova modalidade de ensino na modernidade, trazendo consigo limites e possibilidades. De acordo com Silva (2010) é pertinente afirmar que atualmente, o ensino superior tem vivido grandes desafios. A referida autora, ao analisar a flexibilização e a precarização do trabalho docente dentro da EAD, coloca que alguns autores como Leher (2003), Lima (2002) e Dourado et al. (2003) apontam que a partir dos governos neoliberais, com início no governo Collor e com a sua expansão no governo de Fernando Henrique Cardoso, ocorreram as políticas de expansão do ensino superior, chefiadas pelos organismos internacionais. O objetivo de tais políticas estava na expansão do ensino superior, com o aumento expressivo do número de vagas a fim de proporcionar uma massificação da educação neste nível de ensino.

Incorporada a dinâmica da economia e do mercado, a educação tornou-se mercadoria. E aos profissionais que atuam neste campo, foi preciso aprender a trabalhar com as normas vigentes neste setor. Onde prevalecem os interesses do consumo em massa, de acordo com as tendências e demandas solicitadas pelos consumidores. Os cursos universitários são abertos de acordo com as necessidades determinadas pelo mercado, a forma de avaliação dos mesmos também passa a ser controlada pelas exigências dos clientes, que buscam pagar pouco, por serviços de qualidade, sem se ter grandes esforços para a obtenção de seus diplomas (SILVA, 2010, p.6).

Assim, dentro deste cenário e com o corte de investimentos governamentais a educação superior no Brasil passa a enfrentar sérias crises. E é neste panorama que ocorre o momento e o campo propício para a implementação da Educação à Distância.

A referida modalidade de ensino ganhou amparo federal e institucional com a criação da Universidade Aberta do Brasil – UAB<sup>2</sup>. Onde as universidades federais e estaduais tiveram a oportunidade de serem gestoras de cursos a distância sob sua supervisão e responsabilidade. A atuação das universidades gestoras foi possível através do uso de seus recursos humanos, tecnológicos, espaços físicos e equipamentos. Tal empreitada foi possibilitada via recursos financeiros do governo federal, como o pagamento dos profissionais, materiais didáticos, etc. Outra instância de governo que auxiliou essa parceria foram as prefeituras. O governo federal e as universidades gestoras, em parceria com os municípios que receberiam os cursos ofertados pelas referidas instituições de ensino, fechavam este tripé. Agora, o ensino superior é expandido e pode estar acessível aos que desejarem cursá-lo no interior do país, e a EAD foi a ferramenta responsável por essa expansão.

### **O teletrabalho e a atividade docente**

Para Mill e Fidalgo (2007) o século XXI trouxe uma nova era, a Idade Mídia. Segundo os referidos autores, a Idade Mídia é compreendida pela era em que o capital faz uso das tecnologias de informação e comunicação, para colonizar os indivíduos, estando interessados nisso ou não. Tais técnicas e tecnologias possibilitam, novas formas de controle e coesão social cada vez mais eficazes, visto que elas são mais agradáveis. Nessa nova era, o capitalismo não busca atingir todas as pessoas simultaneamente, o foco não é mais a comunicação de massa que não leva em consideração o que pensa e sente cada indivíduo. Agora pode-se colonizar a subjetividade de cada indivíduo. Assim, a Idade Mídia constitui-se uma nova forma de manipulação capitalista, mais perversa, apesar de aparentar ser menos agressiva aos indivíduos.

Neste contexto, de modernidade, EAD e Idade Mídia, surge o teletrabalho. A EAD conta com um número expressivo de profissionais que atuam neste segmento. Como os cursos

---

<sup>2</sup> A Universidade Aberta do Brasil é um sistema integrado por universidades públicas que oferece cursos de nível superior para camadas da população que têm dificuldade de acesso à formação universitária, por meio do uso da metodologia da educação a distância. O público em geral é atendido, mas os professores que atuam na educação básica têm prioridade de formação, seguidos dos dirigentes, gestores e trabalhadores em educação básica dos estados, municípios e do Distrito Federal. (COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR, [20--]).

são virtuais, online ou à distância, os trabalhadores deste ramo denominam-se teletrabalhadores.

Estes trabalhadores vendem sua força de trabalho de uma forma distinta do trabalhador convencional. Este novo grupo, conta com a possibilidade de conciliar duas jornadas de trabalho, uma formal com vínculo empregatício (geralmente a sua primeira e oficial fonte de renda, com tempos e espaços demarcados) e o teletrabalho que possui uma variedade de vínculos empregatício que podem ser precários ou não (contrato por curso, por aula, por material didático, por CLT ou como autônomo). Como o trabalho é virtual, há a possibilidade de trabalhar em tempos e espaços distintos determinados pelo trabalhador, desde que o mesmo tenha acesso à internet e a computadores.

Como pontuamos anteriormente, tal modelo só é possível dentro do contexto de modernidade, onde os indivíduos, as relações trabalhistas e o modelo educacional tornaram-se flexíveis.

Mill e Fidalgo (2009) pontuam que o teletrabalho configura-se como a mobilização do “tempo da família” para atendimento ao “tempo industrial”. Tal mudança só é possível, graças ao momento histórico atual, em que o desenvolvimento tecnológico do mundo hodierno fornece as condições necessárias para a exploração capitalista das atividades no tempo livre do trabalhador.

O trabalhador depara-se com novas escolhas que comprometem um dos recursos mais escassos atualmente: o tempo livre, dedicado ao descanso, ao lazer ou ao ócio. Como grande parte dos trabalhadores da educação investem seus recursos em especializações, e apesar deste investimento, os mesmos têm salários baixos e pouca perspectiva de aumento salarial. O resultado desta equação é que na maioria das vezes precisam encarar uma dupla jornada. Com a promessa de “fazer o seu tempo e o seu espaço”, o trabalho virtual seduz muitos docentes, que ingressam neste sistema com a doce ilusão de que tal modalidade de trabalho pode oferecer-lhes uma alternativa viável as suas demandas econômicas, familiares e temporais.

Como destacam Rossel et al. (1998: 267), sob a falsa promessa de *mais tempo livre*, o trabalhador é seduzido a exercer uma dupla jornada: uma no seu tempo de produção e outra, como teletrabalhador, no seu tempo livre. Como consequência, há, obviamente, uma precarização das suas condições de trabalho; especialmente porque essa segunda jornada é aceita, geralmente, como fonte de renda complementar e, por isso, firmada com contratos de trabalho precário (salário baixo ou sobrecarga de atividades, por exemplo). Pergunta-se, nessas circunstâncias, onde estaria o caráter revolucionário da redução da jornada de trabalho... ou, de outra forma, o que significa (aumento de) tempo livre nesta Idade Mídia? (MILL; FIDALGO, 2009, p.291).

Além das questões mencionadas acima, os teletrabalhadores contam inquietações no exercício de sua função. Mill, Santiago e Viana (2008) afirmam que enquanto docentes, contam com a angústia profissional de atuar em áreas que não dominam, ou que não dizem respeito a sua área de formação, fruto de uma exploração capitalista em relação à saúde do trabalhador, a carga de trabalho cumprida, a excessiva quantidade de alunos por turma, baixa remuneração e o grande volume de trabalho.

Grosso modo, o trabalho à distância explicita problemas de organização do trabalho: novos sistemas de remuneração, novos sistemas de controle do trabalho, novas doenças ou males do trabalho, responsabilização unilateral dos assalariados e mesmo supressão de postos assalariados em favor de trabalhadores independentes. Além disso, o teletrabalho não contribui para a criação de empregos e pode até atuar como fator de desaparecimento de postos disponíveis. Verdade seja dita, é preciso destacar, porém, que na maior parte dos casos o teletrabalho não é causa direta do desaparecimento dos empregos. Ele somente reflete uma situação criada pela automatização das atividades e pelo progresso dos meios de comunicação. (MILL; SANTIAGO; VIANA, 2008, p.69).

Diante de novas possibilidades e de novos contextos relativos ao mundo do trabalho, o docente virtual, depara-se com novos dilemas, principalmente em como gerenciar novos tempos e espaços dedicados ao trabalho. Se o espaço físico e o tempo regulamentado ao trabalho não existem e são de responsabilidade de quem vende a sua força de trabalho, como delimitar o tempo dedicado ao trabalho e os locais destinados a esta função?

Assim, diante de tais angústias, analisaremos os antagonismos dos espaços da casa e da rua sob a perspectiva damattiana, e a difícil missão de conciliar estes espaços. É possível usar o espaço da casa, permeado pela calma e descanso para as funções do trabalho, sinônimo de cansaço e de rotina? Dedicaremos à compreensão de tais questões na seção seguinte.

### **O teletrabalho e o dilema de conciliar a casa e a rua sob a perspectiva damattiana.**

No Brasil, os espaços físicos são bem delimitados, e as atividades relacionadas aos mesmos seguem a mesma lógica. Assim, para analisar os espaços físicos da casa e do trabalho nossa análise para este trabalho é fundamentada na teoria desenvolvida por Roberto DaMatta, que procura compreender as singularidades dos brasileiros, e que, conforme argumenta, fazem do Brasil, o Brasil! Sua interpretação do Brasil considera que nossa ordem cotidiana articula-se entre três domínios, a casa, a rua e o outro mundo, em que os mesmos

não significam apenas espaços demarcados e definidos por regras e convenções sociais, eles representam entidades morais e esferas de ação social.

Para este autor, o domínio da casa encontra-se em um determinado plano, e o da rua em um outro plano. Estes domínios são por natureza antinômicos e a separação que os opõem ocorre porque seus significados são completamente antagônicos. Pois, em casa somos uma pessoa moral, pertencemos a uma família com um número restrito de pessoas. Em casa, somos pai, mãe, avó, avô, tio, sobrinha, primo, filho e estabelecemos nossas relações baseadas no afeto, e em laços sanguíneos e de afinidade. Em casa descansamos, dormimos, e nos aprontamos para sair para o mundo da rua, com roupas específicas. A casa é o lugar da calma, do descanso, onde todos se tratam de maneira afetiva e peculiar. Neste espaço, não usamos os mesmos parâmetros que utilizamos no mundo do trabalho para nossas ações, ao contrário, a casa é o espaço que comporta todas as antíteses da rua. Na rua, é o lugar do engano, da malandragem e do trabalho. Assim, tais espaços são caracterizados diferentemente, não somente pelos seus valores, mas também em relação ao nosso comportamento dentro dos mesmos “[...] somos uma pessoa em casa, outra na rua e ainda outra no outro mundo. Mudamos nesses espaços de modo obrigatório porque em cada um deles somos submetidos a valores e visões de mundo diferenciados que permitem uma leitura especial”. (DAMATTA, 2001, p.120).

A rua representa a antítese da casa, é o lugar do anonimato, pois qualquer indivíduo é aí um indivíduo, um ser atomizado. A rua se caracteriza pelo movimento, em contraste à calma do lar, o que é negado no espaço da casa, acontece no espaço da rua. Na rua estamos sujeitos ao engano, à violência, ou seja, estamos completamente fora da proteção que temos em casa, por sermos parte de uma coletividade articulada por relações internas que se estendem vinculando outras famílias numa grande rede de relações.

Na visão de DaMatta (2001, p.69), saímos do trabalho em busca de algo que nos propicie ir para uma outra esfera do mundo cotidiano, pois, “[...] para nós brasileiros, a festa é sinônimo de alegria, o trabalho é eufemismo de castigo, dureza, suor”.

Com espaços tão antagônicos e cotidianamente ligados a nossa rotina; o trabalho, item integrante do mundo da rua, cabe dentro do mundo da casa? Na perspectiva de DaMatta (1997) há na cotidianidade da vida social uma solução de continuidade entre a casa e a rua, que são mediados por lugares intermediários, que para ele são adros, varandas, galerias, etc. Logo, o contínuo rotineiramente vivido na vida urbana constrói-se pela sequência casa - trabalho - casa.

A partir da perspectiva do referido autor, é possível afirmar que casa e rua são espaços que compreendem atividades e comportamentos específicos e que os mesmos não podem ocorrer de forma inversa. Prova de tal antagonismo entre os espaços em questão, é a existência de varandas e galerias, meios de se realizar a “passagem” entre os mesmos.

Assim, se a casa não comporta o trabalho que é fruto do mundo da rua, está posto um dilema para os teletrabalhadores: estar em casa e estar trabalhando, e estar trabalhando em casa. Assim, fica a dúvida sobre onde termina e onde começa o espaço do lar e o espaço do trabalho?

Sob a perspectiva damattiana, a casa é o local do descanso, por este motivo não comporta o trabalho. No caso dos teletrabalhadores com tempos e espaços flexíveis, e com dupla jornada, muitas vezes o trabalho é levado para casa, causando conflitos. Conflitos em relação ao espaço, tempo e público. Pois, como o espaço do lar é destinado a atividades domésticas, a concentração exigida e absorvida no espaço do trabalho não é encontrada em casa. O espaço do trabalho, destinado à produção em uma mesa, cadeiras e salas próprias não é encontrada, a mesa da casa é a de jantar, estar ou da cozinha, comprometendo-se a estrutura física do trabalho. O público do trabalho são os chefes e os colegas, que demandam um tratamento e um direcionamento específico permeado por normas e valores pertinentes ao mundo corporativo. Em casa, há o marido, a esposa, os filhos, os pais, os sobrinhos, avós, etc. Pessoas, que como não são os indivíduos do trabalho não seguem as regras do trabalho, e o tratamento direcionamento direcionado as mesmas devem passar por outros critérios, baseados no carinho e afeto. O tempo do trabalho é geralmente norteador por 8 horas diárias de trabalho com uma pequena pausa de 2 horas para o almoço. Em casa como não há a rigidez dos horários, o teletrabalhador pode dedicar-se a suas atividades laborais enquanto tiver disponibilidade, podendo trabalhar menos de 8 horas diárias ou mais de 8 horas diárias.

Se no mundo do trabalho, as atividades de trabalho só existem naquele espaço determinado, em casa elas ocorrem de acordo com as necessidades e prazos a serem seguidos pelo teletrabalhador. Para trabalhar segundo o modelo tradicional, é preciso “assinar o ponto” e começar a trabalhar, para finalizar segue-se o mesmo ritual de se “assinar o ponto” e voltar para casa. Em casa, como não há o controle, sempre que o computador estiver ligado, pode ser momento de trabalho, mesmo nas horas de lazer sempre há a necessidade de checar o ambiente virtual e tomar nota do trabalho. Fazendo com que o teletrabalhador nunca esteja livre de suas obrigações, pois, se no espaço destinado ao descanso é momento de trabalho, quando este trabalhador pode descansar?

Neste sentido, diante do que foi exposto acima, pode-se perceber e relacionar claramente a teoria desenvolvida por DaMatta (1991, p.56) com o objeto deste estudo, onde este autor afirma que “[...] não se pode misturar o espaço da rua com o da casa sem criar alguma forma de grave confusão ou até mesmo conflito”. E este é o dilema vivenciado pelos teletrabalhadores, a ausência de demarcação e delimitação dos tempos e espaços destinados a atividades específicas, que necessitam de comportamentos e ambientes específicos. A nova forma de gerenciamento dos tempos e espaços do trabalho, ao invés de facilitar a vida do trabalhador, trouxe-lhe um novo dilema: a difícil tarefa de conciliar espaços e tempo antagônicos, que não se comunicam e que não se diluem.

Assim, parafraseando DaMatta (2001), em *O que faz o brasil, Brasil?*<sup>3</sup>, surge o seguinte questionamento: “O que faz o teletrabalho, Trabalho?”. Mesmo com tantos benefícios aparentes do “estar em casa” que aparentemente minimizam a aparência de trabalho, o que faz do teletrabalho, Trabalho, é a dureza das relações trabalhistas vividas em nossa sociedade.

A concepção de trabalho no Brasil relaciona-se com palavras e imagens que ilustram o sofrimento do corpo. Tal sofrimento é necessário para se garantir o “pão de cada dia”, assim, mesmo com tantos benefícios ilusórios e ocupando o espaço do lar, o teletrabalho é permeado pelos valores do mundo corporativo, como os prazos, a figura do chefe (embora ausente, este se faz presente virtualmente), o controle de atuação no ambiente virtual por parte do sistema, o constante monitoramento das atividades e o registro das mesmas, prazos curtos, várias demandas a serem atendidas, necessidade de um rápido *feedback*, baixos salários, atraso no recebimento do benefício, dentre outros.

Pois no Brasil, o trabalho é tido como um “Trabalho que castiga o corpo (*tripalium* ou carga romana que subjogava os escravos), estragamos, submetemos e gastamos o corpo”. (DAMATTA, 2001, p.74). Evidencia-se que o trabalho árduo, que castiga e desgasta o corpo e a mente, que traz dissabores aos indivíduos.

---

<sup>3</sup> “Este livro, [...] não pretende trazer uma definição exaustiva ou uma versão definitiva do que é o Brasil. Mas nos proporciona a surpresa do verdadeiro encontro: pois *O que faz o brasil, Brasil?* é justamente aquilo que faz com que nos reconheçamos como brasileiros nos mínimos e mais variados gestos. Múltiplo e rico, o Brasil é o país do carnaval e do feijão com arroz: da mistura e da fantasia. Mas também do jeitinho que dribla a lei e da hierarquia velada pela cordialidade. Somos brasileiros na devoção e no sincretismo, no culto à ordem e na malandragem, no trabalho duro e na preguiça. O Brasil maiúsculo que Roberto DaMatta apresenta não é um conjunto de instituições ou de fatos históricos, e sim o fundamento de nossa identidade. Nossa brasilidade é um estilo, uma maneira particular de construir e perceber a realidade.” (DAMATTA, 2001, contracapa).

Fica evidente que os indivíduos caíram em uma nova armadilha da modernidade, atraídos pelos seus apelos de praticidade. Trabalho continua sendo trabalho, os lugares e as relações trabalhistas podem mudar, mas as consequências do mesmo permanecem inalteradas.

### **Considerações finais**

Acreditamos não ser possível encontrar uma resposta a estes questionamentos, pois a modernidade não nos oferece respostas prontas e acabadas como o “sim” ou o “não”. Ao contrário, a interpretação a que poderemos ter a estes questionamentos está em torno do “talvez”, norteados as ambivalências da modernidade.

Estes dilemas são pertinentes a modernidade, que traz em si contradições, conceitos que não são mais estáticos e sim fluidos e desconexos, passíveis de mudança, não sendo necessário assumir posturas fixas, mas sim móveis; contendo dois significados. Tais antagonismos também são pertinentes ao nosso país, convivemos diariamente com dualidades e precisamos navegar entre elas com precisão: frequentamos o espaço sagrado e o do carnaval, o trabalho e a festa, a casa e a rua, e nos deparamos com caxias e malandros.

E nessas ambivalências de relações e significados o trabalho assumiu novas formas, interpretações e relações. A palavra de ordem para o contexto é flexibilidade. Flexibilidade de tempos, espaços, relações e rendimentos. Assim, fica posta uma grande angústia ao trabalhador, agora denominado teletrabalhador, em tempos de modernidade há a necessidade de conciliar aspectos anteriormente antagônicos, como casa, rua e trabalho. Estes, atualmente têm a possibilidade de serem aglutinados, e tal fato tem possibilitado uma nova maneira de se estabelecer o tempo e o espaço destinados ao trabalho.

Esta nova concepção, ao contrário de facilitar a vida e a rotina dos trabalhadores, acabou trazendo-lhes um novo dilema: a complicada e árdua tarefa de se conciliar espaços e tempos antagônicos, que não se comunicam e que não se diluem.

Cabe ao trabalhador, para sobreviver em meio à modernidade, adotar o “talvez” e suas possibilidades para navegar socialmente nos espaços, tempos e relações ambivalentes e fluidas. Opta-se por categorias que permitem escolhas não mais unilaterais, mas que se permeiam. O trabalho pode estar na casa e a casa no trabalho, a rigidez do trabalho árduo de cada dia pode ser dissolvida em tempos alternativos. Afinal, são essas questões que fazem do teletrabalho, trabalho.

**MODERNITY, EAD AND TELECOMMUTING: THE DILEMMA OF RECONCILING THE HOME AND THE STREET, FROM THE DAMATTIANA'S PERSPECTIVE.**

**ABSTRACT:** *Based on the inclusion of teachers in the distance education modality, this paper aims to understand telecommuting and distance learning, within the context of modernity with its fluid spaces and times and disconnection. Consideration will be given to the new dynamic workspaces, which contains the world's home in the world of the street and the street world at home, as DaMatta (2001), (1997) and (1991) about the Brazilian dilemma, and how these agglutination spaces can influence individuals and society. This paper aims to sketch the landscape of higher education in Brazil post-neoliberal governments, and discuss the context of the emergence of distance learning in Brazil, in addition to laws and ordinances that governs this type of education. Thus, the objective is to examine the telework, its limits and possibilities and so, see if is possible to identify within the referred dynamic begins where it ends and where the space of the home and work space.*

**KEYWORDS:** *EAD. Work. Modernity. Time. Space.*

**REFERÊNCIAS**

ALEMÃO, I; BARROSO, M, R. C. O teletrabalho no domicílio: o repensar das categorias tempo e espaço na esfera produtiva. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 15., 2011, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Curitiba: SBS, 2011. Disponível em: <[http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com\\_docman&task=cat\\_view&gid=179&Itemid=171](http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=179&Itemid=171)>. Acesso em: 02 nov. 2012.

BAUMAN, Z. **Globalização: as consequências humanas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR [CAPES]. **O que é Universidade Aberta do Brasil.** Brasília, [20--]. Disponível em: <[http://www.uab.capes.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=6:oquee&catid=6:sobre&Itemid=18](http://www.uab.capes.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=6:oquee&catid=6:sobre&Itemid=18)>. Acesso em: 11 dez. 2012.

DAMATTA, R. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

\_\_\_\_\_. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro.** 6.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

\_\_\_\_\_. **A casa & a rua.** 4.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.

DOURADO, L. F. et al. Transformações recentes e debates atuais no campo da educação superior no Brasil. In: \_\_\_\_\_. **Políticas e gestão da educação superior: transformações recentes e debates atuais.** São Paulo: Xamã, 2003. p.17-30.

GIDDENS, A. **As Consequências da modernidade.** 5.ed. São Paulo: Ed. da UNESP, 1991.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LEHER, R. Expansão privada do ensino superior e heteronomia cultural: um difícil início de século. In: DOURADO, L. F. et al. **Políticas e gestão da educação superior: transformações recentes e debates atuais**. São Paulo: Xamã, 2003. p.81-93.

LIMA, K. R. S. Organismos internacionais: o capital em busca de novos campos de exploração. In: NEVES, L. M. W. (Org.). **O empresariamento da educação: novos contornos do ensino superior no Brasil nos anos 1990**. São Paulo: Xamã, 2002. p.41-63.

MILL, D.; FIDALGO, F. Uso dos tempos e espaços do trabalhador da educação a distância virtual: produção e reprodução no trabalho da Idade Mídia. **Cadernos de Educação - FaE/PPGE/UFPel**, Pelotas, n.32, p.285-318, jan/abr. 2009. Disponível em: <<http://www.ufpel.edu.br/fae/caduc/downloads/n32/16.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2012.

\_\_\_\_\_. **Sobre tutoria virtual na educação à distância**: caracterizando o teletrabalho docente. 2007. Disponível em: <<http://ihm.ccadet.unam.mx/virtualeduca2007/pdf/236-DM.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2012.

MILL, D. R; SANTIAGO, C. F; VIANA, I. de S. Trabalho docente na educação a distância: condições de trabalho e implicações trabalhistas. **Revista extra-classe**, Belo Horizonte, n.1, v.1, p. 53-73, fev. 2008. Disponível em: <<http://www.sinprominas.org.br/imagensDin/arquivos/341.pdf>> Acesso em: 02 nov. 2012.

SILVA, S. S. **O Mercado Central de Montes Claros e o consumo dos bens alimentares: o patrimônio cultural como vetor do desenvolvimento local**. 2012. 195f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social) - Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2012. Disponível em: <http://www.ppgds.unimontes.br/index.php/2012?view=document&id=89&tmpl=component>>. Acesso em: 25 nov. 2012.

\_\_\_\_\_. A modernidade e a pós-modernidade: uma leitura de Michel Maffesoli e Anthony Giddens. **RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, João Pessoa, v.10, n.29, p.372 – 377, ago. 2011. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/SandraRes.pdf>> Acesso em: 30 out. 2012.

\_\_\_\_\_. Os impactos das políticas de expansão do ensino superior, e os seus reflexos nas relações de trabalho na educação a distância: flexibilização e precarização do trabalho docente. **REDD – Revista Espaço de Diálogo e Desconexão**, Araraquara, v.3, n.1, jul/dez. 2010. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/redd/article/view/4389>. Acesso em: 30 out. 2012.